

RUBEM BRAGA ESCREVE DE ROMA PARA O "DIARIO CARIOCA"

**SE HA ANJOS NESTE MUNDO,
UM DELES SE CHAMA FIORELLA**



Esta é Fiorella, o anjo bom dos brasileiros em Roma, cujas aventuras Rubem Braga nos descreve

"Se Você Pegar Licença e For a Roma Procure Fiorella" — Tem 19 Anos, é Mais Linda do Que as Fotografias Anexas, Nasceu Em S. Paulo, Assistiu a 110 Bombardeios de Benghazi, Fugiu Para a Sicilia, Teve o Seu Avião Metralhado Durante a Viagem e, Agora, é o Anjo Bom dos Brasileiros Na "Cidade Eterna" — Beijou o Soldadinho Que Apareceu Um Dia "Bobeando", Mas Não Beijou o Correspondente de Guerra — Fiorella Sabe Tudo e é a Salvação dos Nossos Rapazes Que Não Falam o Inglês ou o Italiano — "Os Americanos é Que Têm a Mania de Casar" — E Gritam: "Fiorella! Fiorella!", Querendo Roubar-nos a Linda Patricia...

TEXTO NA 3.ª PAGINA

16.2.45

129

SE HA ANJOS NESTE MUNDO,

DE ROMA. PARA O "DIARIO CARIOCA"

UM DELES SE CHAMA FIORELLA

ROMA, janeiro 1945 — De Rubem Braga, correspondente do DIÁRIO CARIOCA — Via aérea — Se há anjos neste mundo, um deles se chama Fiorella. A primeira vez que ouvi esse nome foi no campo do 1.º Grupo Brasileiro de Caça, numa conversa de dois pilotos que voltavam de um raide ao Passo de Brenner. A segunda vez foi num Posto de Comando — uma casinha cercada de neve — sobre os Apeninos. Um jovem capitão dizia a um tenente:

— Se v. pegar licença e for a Roma, procure Fiorella...

Ninguém vem a Roma sem procurar Fiorella. Procurei Fiorella. Tem 19 anos e é muito mais linda do que a fotografia anexa ou qualquer outra poderia exprimir. Se por acaso tenho no DIÁRIO CARIOCA algum leitor paulista, eu lhe direi:

— Você se lembra de Nina Rostov, logo que ela chegou a São Paulo num circo e começou a fingir que tocava balalaika naquele barzinho perto da Praça Julio de Mesquita? Pois Fiorella é muito mais bonita.

O leitor não acreditando o remedio é vir á Piazza Barberini, entrar no edificio da Cruz Vermelha norte-americana e perguntar pela moça. Fiorella trabalha na seção de informações e quando lhe pedi que saísse de trás do balcão e fosse para uma outra sala para conversarmos mais á vontade ela disse que eu precisava pedir licença á sua chefe. Sua chefe

é uma feia velhota americana que, verificando minha qualidade de jornalista, disse que a Red Cross tem um departamento de publicidade e eu devia ir até lá. Expliquei-lhe com certa energia que a Red Cross não me interessava em nada, mas somente Fiorella — e, um pouco espantada, ela disse que sim.

Libertei Fiorella do balcão e ela me contou:

— “Meu pai é um médico, um cirurgião, chama-se João Batista Celpi. Minha mãe é brasileira, filha de italianos — e eu sou brasileira, filha de São Paulo. Nós tínhamos um apartamento no 8.º andar do edificio Martinelli; depois fomos morar em uma casa, na rua Martiniano de Carvalho, conhece?”

Fiorella então conta que um dia — ela estava com 14 para 15 anos — seu pai venceu um concurso e foi nomeado para o hospital civil de Bengazhi, na Africa.

— “Daí para cá a nossa vida foi uma especie de ventania. Imagine, eu nascida do Brasil, sempre vivi lá. De repente fomos para aquele lugar exquisto. Dei um passeio de camelo pelo deserto vestida de arabe e logo depois veio a guerra.”

FIORELLA SOBREVIVE

Fiorella assistiu a 110 bombardelos em Benghazi, que estava com os italianos e era atacada pela aviação inglesa. Diz que viu muita e muita gente

16.2.45

correr á volta de si. Muitas vezes, no meio das explosões e do pânico, pensou que também fosse morrer. A sorte definitiva de Benghazi custou a decidir-se. Fiorella rodou por varios lugares da Africa. Um dia foi posta num avião para fugir para a Calabria. Eram dois aviões de transporte italiano. Um deles, em que viajava uma amiga sua, foi derrubado no caminho por um Spitfire.

— “Eu estava sentada ao lado do piloto. O Spitfire atacou depois o nosso avião. Minha mãe que estava lá atrás com outras mulheres e crianças não podia ver nada, mas eu de onde estava vi quando o Spitfire se aproximou e soltou uma rajada de metralhadora.”

Teve sorte. Só quatro tiros atingiram o avião, que chegou a Sicilia direitinho, enquanto se desenrolava uma grande batalha naval no Mediterraneo. Fiorella veio para Roma, viveu aqui durante a ocupação alemã com documentos falsos (se descobrissem que era brasileira seria presa) e assistiu á entrada das tropas aliadas na cidade.

— “Depois disso um dia eu ia pela rua e vi passar um homem com um uniforme verde. Olhei assim por acaso e de repente vi escrito na manga a palavra “Brasil”. Ah, você não calcula a emoção que eu tive. Avancei para ele, abracei-o, cobri-o de beijos...”

— Era algum oficial brasileiro?

— “Não, era um soldadinho. Coitado, ele também ficou emocionado, quase não podia falar. Era um rapazinho muito tímido. Eu chamei uma dessas charretes puxadas a cavalo, levei-o para casa, apresentei-o a papai e a mamãe, ele comeu, bebeu vinho...”

FIGRELLA INFORMA

É evidente que Fiorella não criou o hábito de beijar homens com o nome do “Brasil” escrito na manga da túnica. Tenho na manga direita uma enorme cobra verde fumando cachimbo, e sobre a cobra está escrita com muito destaque a palavra “Brasil” — e Fiorella não me beijou absolutamente. Os beijos foram todos para aquele soldadinho desconhecido que apareceu um dia bobeando por uma rua qualquer de Roma.

Mãe nenhum soldado que vem a Roma e sabe da existência de Fiorella deixa de procurá-la. Em Florença tanto os oficiais como os soldados brasileiros têm hotéis próprios, onde descansam uns quatro ou cinco dias depois de dois meses de canseira e perigo na linha de frente. Mas em Roma os brasileiros que vêm de licença ficam em um “Rest Camp” americano onde não há ninguém que fale português, que lhes explique onde podem ir, o que há de mais interessante a ver, etc. Ficam em Roma, e têm de descobrir tudo por conta própria. Os que sabem da legenda de Fiorella vão procurá-

la — e os americanos que chegam á Cruz Vermelha naquele instante e precisam de alguma informação têm de ter paciência — porque miss Fiorella is very very busy pageando o brasileiro, explicando a que cinema e teatro deve ir, onde deve revelar um filme, onde pode dansar esta noite, a que horas pode visitar o Papa amanhã, em que loja deve comprar um camafeu para levar como “ricordo”, qual é o caminho do Banco do Brasil, qual é o telefone da embaixada, etc. etc. Fiorella me diz que os brasileiros chegam da frente e ficam como crianças Roma:

— “Minha vontade era passar o dia com eles para um lado e outro, mostrando o que eles querem ver, comprando as coisas que eles querem comprar. Coitadinhos! Eles entram aqui na Cruz Vermelha e ficam tontos porque muitos não falam uma palavra de inglês. Às vezes vejo um querendo se explicar com uma dificuldade enorme. Então chego perto dele e pergunto “o que é que há?” — você precisava ver como ele fica contente.”

Depois Fiorella me confessa que já foi pedida em casamento muitas vezes — mas nunca por nenhum brasileiro.

— “Os americanos é que têm mania de casar. Chega aqui um oficial americano, pede uma informação, conversa um pouco, volta no dia seguinte, me mostra a fotografia da mãe dele, da irmãzinha, do pai, da família inteira (é mania de americano) — e logo me pede em ca-

same to.”

Nunca aceitou — mas atualmente há uma proposta que, segundo creio, a faz hesitar um pouco. Fiorella guarda reserva a respeito, mas deixa entender que está em dúvida.

PING-PONG

Nossa conversa é interrompida, porque está na hora do torneio semi-final de ping-pong e Fiorella faz exhibições de ping-pong. Ela vai disputar uma partida com o campeão nacional da Iugoslavia. A assistência é enorme. Um dos maiores divertimentos da Cruz Vermelha Norte-Americana em Roma é assistir a uma partida de ping-pong com Fiorella. Subimos para o salão, todo mundo se coloca em volta da mesa e Fiorella derrota friamente o campeão iugoslavo de ping-pong.

Os americanos gritam:

— Fiorella! Fiorella!

E ela sorri agradecendo. A Europa curva-se ante o Brasil.

Quando vou saindo, ela me pede para mandar lembranças para sua irmã Luciana Fatio, que vive em São Paulo (rua Boa Vista 46) e também para a senhorinha Niette Sandoval Guilherme, na rua Martiniano de Carvalho.

— “Essa é a melhor amiga que tive até hoje. Ah, quando penso no Brasil chega a me dar um sossego por dentro. Depois que a vida da gente entrou assim nessa ventania... Mas depois da guerra eu volto para lá.”